

**"Da manga rosa quero o gosto e o sumo": como saborear o acesso ao conhecimento
entre povos do campo?**

Marisa Oliveira Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: marisa.oliveira@uesb.edu.br

1811

Palavras-chave: Conhecimento. Campo. Trabalho-educação

INTRODUÇÃO

Pensar na educação e no acesso e preservação do conhecimento no campo trata-se de uma agenda particular e ainda não tão ativa no Brasil. Uma hipótese normalmente suscitada, é que as poucas escolas que sobrevivem ao campo, porque a maioria vem sendo fechadas, ainda são pensadas sobre a hegemonia urbana e obviamente pelas lentes “civilizatórias” da cidade, como se essa fosse o protótipo ideal. O campo ainda é visto como uma extensão, um quintal da cidade, limitando-o em muitas pautas, como reforça Arroyo (2007).

Nessa linha reflexiva, Caldart (2017) enseja a pensar o acesso à educação no campo, com materialidade, através no princípio educativo, da maneira como se produzem as relações com a natureza, as relações sociais, ou seja, como a vida se movimenta, se transforma. A educação é um fenômeno humano exclusivo, institui o homem, o trabalho, logo é uma exigência veiculada a existência do homem e de sua sobrevivência (SAVIANI, 2003).

Defende-se, portanto, o acesso e a preservação do conhecimento como um direito, e também como um ato histórico determinante para todos. O conhecimento é o pensamento que resulta da relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto, portanto, a sua procura é um convite à transformação pessoal e social, é um ato simultâneo à transmissão pela educação dos saberes acumulados em uma determinada cultura (Santos; Mansano, 2022) e, a escola é apenas um viés dessa trajetória, mas não o único.

Amparada nestas reflexões iniciais, visitando a dialética e a contradição, essa comunicação objetiva apresentar breves contribuições, por meio de narrativas de moradores

Realização:



Apoio:



de comunidade rurais¹ no interior da Bahia, expondo como o acesso e a conservação do conhecimento no campo trazem consequências e podem ou não ameaçar à vida e à sobrevivência desses povos.

METODOLOGIA

Para atender ao objetivo, foram as entrevistas e as contribuições plurais das rodas de conversas com trabalhadores e trabalhadoras de comunidades rurais no interior da Bahia, coletadas entre 2018-2023, que serviram de fio condutor para a aproximação do processo trabalho-educação na formação dessas populações. Assim, a educação é entendida como fruto do trabalho humano precintadas na relação semântica indissociável entre os termos e os movimentos de rupturas dão suporte para uso da dialética e visita ao contraditório.

1812

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É no contato com a empiria que a pesquisa foi ressoando sua necessidade de ampliação. Assim sendo, entre os anos de 2018-2023, alguns objetivos traçados foram contemplados nas comunidades aproximadas e, muitos outros, foram sendo trazidos para a retórica do estudo. A escola não era o ponto fulcral, mas sua observação indireta, de fora para dentro, como uma “guardiã” da educação e do conhecimento da classe trabalhadora, foi ensejando um olhar para seu papel no acesso, ampliação e preservação do conhecimento no campo.

Sendo assim, em meio às rodas de conversas, com os moradores e moradoras das comunidades, começou-se a pensar sobre as implicações formativas desses trabalhadores (as) na relação trabalho-educação, e indiretamente pela escola. O que se verificou inicialmente foi um construto fragilizado e que carece de visitação.

Em um desses encontros plurais, a escola, que não era pauta, nem objetivo de pesquisa, foi suscitada entre as narrativas como hiato social, sem que os participantes percebessem. Ao mesmo tempo em que se faz visível na vida em comunidade, a escola fora

¹ Para o presente estudo serão consideradas as rodas de conversas realizadas e transcritas (2018 – 2023) nas comunidades de Peri Peri (Belo Campo-BA), Furadinho, Campinhos (Vitória da Conquista-BA).

Realização:



Apoio:



vista de maneiras distintas pelos seus moradores: “o lugar de levar as crianças”; “o futuro melhor para os filhos”; o lugar de “gente sabida”. Importante salientar, que esses trabalhadores (as) possuem baixa escolaridade, na maioria, são casados e se afastaram da escola muito cedo em função do trabalho, e da formação de suas respectivas famílias. Por ora, é preciso entender, como fez Marx e Engels (2007), a natureza contraditória nas realidades concretas. O trabalho e o conhecimento não são parte integrante da atividade emancipatória da maioria desses trabalhadores. “Gente sabida” precisa ser uma expressão de igualdade para todos e não um recorte social, factual de estratificações, como se o conhecimento sempre tivesse propriedade ou escolhidos.

E se a pauta é a emancipação ou a autonomia de quem produz a sua sobrevivência, verificou-se no percurso da pesquisa uma dificuldade dos trabalhadores do campo em precintar sua produção com o mercado, submetendo-se aos “atravessadores”. A insegurança ou a falta de conhecimento, delibera-se uma construção social de dependência. Na fala de Seu Domingos Oliveira (Peri Peri, 2018), acervamos em forma de desabafo, essa denúncia: “A farinha tem muito atravessador que derruba a gente demais. Tem gente que vem de bicicleta, de repente o cara tá num carro novo, já vi gente que chegou aqui sem nada agora de “Hilux” e nós quem faz a farinha, que planta... oh, dó, a C10 véia minha tá aí, num consigo nem colocar combustível que baste”².

As condições materiais de trabalhadores (as) do campo, para os moradores de comunidade como essas estudadas, denunciam fissuras sociais desiguais entre as práticas de produção e o acesso ao conhecimento, no desenvolvimento de suas atividades, determinando o conflito entre as forças produtivas sociais e as relações de produção (Oliveira, 1999), principalmente quando se observa o esmaecimento dos roçados e abertura da terra para a indústria. Marx e Engels (2007) enfatizam que a maneira pela qual os homens produzem seus meios de vida depende, antes de tudo, da própria constituição dos meios de vida já encontrados e que eles têm de reproduzir. A perpetuação das condições de subsunção vai permitindo a vulnerabilidade populacional, criando frestas para circunscrever os ditames e os interesses diversos do capital, afastando o homem do seu trato com a terra, do modo de vida e do seu trabalho.

² Em reconhecimento e respeito ao lugar de vida e de trabalho de homens e mulheres do campo, sobretudo no reconhecimento dos limitantes educacionais que estão engendrados para essa população, optou-se por manter a fidelidade das falas transcritas em meio as variantes linguísticas manifestas, são também expressões vivas de sua formação enquanto ser histórico e por isso precisam ser visitadas, preservadas e deferidas.

Realização:



Apoio:



Na relação entre o acesso ao conhecimento e a educação escolar, o campo empírico em 2023, revelou-se acusatório também na comunidade de Furadinho. Na roda de conversa, que aconteceu na igreja da comunidade, uma senhora trouxe uma das falas mais potentes sobre o tema que a pesquisa tenha testemunhado. A escola que praticamente foi fundada pela comunidade, e, diga-se de passagem, dentro de um quilombo, fora fechada pelo poder público local sem maiores querelas ou consultas, mas com a circunscrição ideológica. Entre o aceite e a conformação de alguns moradores para a “escola dos sonhos”³, que fica distante da comunidade cerca de 10Km, uma senhora da associação de moradores, trouxe à tona sua reflexão: “[...] *vocês estão falando o quê? Escola dos sonhos de quem? Ora, vocês não entenderam que afastando nossas crianças da comunidade, estamos contribuindo para o enfraquecimento do quilombo? O que eles querem? Eles querem enfraquecer o que somos? A comunidade de lá, não diz nada a respeito do que somos aqui. Estão nos roubando através de nossas crianças. Ou a gente luta, ou eles vão conseguir o que querem*”.

Por ora, entende-se que a ideologia também é um campo de formatação objetiva usado pelo capitalismo para adentrar onde pretende dominar. Em nossa sociedade “tudo está impregnado” de ideologia, quer a percebamos, quer não, enfatiza Mészáros (2014). O conhecimento negado e não preservado, os valores culturais desmontados e a escola subtraída contribuem para a descaracterização de uma população, tornando-os vulneráveis.

A baixa escolaridade entre a população do campo⁴ é uma realidade que carece de lentes sociais e políticas. As mulheres, em particular, foram e são impedidas pelo contexto histórico e social de frequentar a escola, como Dona Luzia, que ao tatear os escritos da pesquisa, manifestou a vontade de saber ler e escrever. Muitas dessas mulheres detêm na atividade do trabalho e nas atividades domésticas seu maior cabedal de conhecimentos que refletem o seu modo de vida, entrelaçados à produção da sua existência. O conhecimento popular também está nas lentes da pesquisa. Em 2019, Seu Loro ensinava aos pesquisadores, que o pé de manga, que enchia nossos olhos por estar carregado do fruto, a ele preocupava e foi ele o nosso professor: ensinando que ano em que pé de manga flora demais, é tempo de

³ Expressão usada pelo poder público para justificar a transferência das crianças do quilombo de Furadinho para a comunidade de Campo Formoso, ambos distritos de Vitória da Conquista (BA).

⁴ De acordo o Portal MEC (2022), a escolaridade média da população de 15 anos ou mais que vive na zona rural é de 3,4 anos e corresponde a quase metade da estimada para a urbana, que é de 7 anos. No campo, 29,8% dos adultos são analfabetos, enquanto na cidade esse índice é de 10,3%. Dos estudantes de 10 a 14 anos, 23% estão na série adequada à sua idade, taxa que na área urbana é de 47%. As desigualdades educacionais ajudam a explicar a diferença de renda. Um chefe de família recebe, em médio, R\$ 328,00, que é 38% menor do que é pago na zona urbana, de R\$ 854,00. <https://www.gov.br/mec/pt-br>

Realização:



Apoio:



pouca chuva. Todo conhecimento é válido e não deve destoar do conhecimento formal, mas justamente a ausência deste último na vida da população do campo que o recebe de maneira regrada, ou nem sequer o recebe, por vezes impede que o gosto e sumo do conhecer e do aprender limite a vida de populações inteiras, encurte o saborear de sua emancipação.

CONCLUSÕES

Por fim, perceptível que o conhecimento chega de maneira desigual entre homens e mulheres e mais contundente entre o campo – pequenos produtores – e a cidade, criando fossos. A manga é na metáfora dessa comunicação, a aproximação entre o trabalhador (a) e o fruto do seu trabalho; o conhecimento, um saborear que deve ser unívoco, ou seja, o sumo e o gosto da emancipação da produção material da existência, entre vozes e entrelinhas de Marias, Luzias, Loros, Domingos [...], por meio do seu trabalho e do seu modo de vida, e que possa ser desejo de uma sociedade inteira.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Políticas e formação de educadores (as) do campo**. Caderno CEDES, Campinas, vol. 27, n.72, p-157-176, maio/ago 2007.

CALDART, Roseli Salette (org). Trabalho, agroecologia e educação politécnica do campo. In. **Caminhos para transformação da escola 4: trabalho, agroecologia e estudo nas escolas do campo**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

CIAVATTA, Maria (coord). **Memória e temporalidades do trabalho e da Educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2007.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MÈSZÁROS, István. **O poder da Ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2014.

SANTOS, Marisa Oliveira. MANSANO, Fábio. Memórias sobre trabalho e educação em casas de farinha. In.: ALVES, Ana Elizabeth Santos. TIRIBA, Lia (orgs). **Cios da terra: sobre trabalho, cultura, produção de saberes e educação do campo**. Uberlândia: Navegando, 2022.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica**. 8ª edição. Campinas (SP), Editores Associados, 2003.

Realização:



Apoio:

